

**Resumo:** Neste Ano Sacerdotal, a Igreja é convidada a refletir sobre o ministério do presbítero como dom de Deus a serviço da edificação do povo. O presbítero é chamado para a vivência da missão, assumida corajosamente em meio aos desafios da sociedade atual. Nessa realidade, ele pergunta: como seguir a Cristo? Como professar a fé em Jesus Cristo como o sentido para a vida do mundo? Como testemunhar o Evangelho? Como formar comunidade? A resposta se encontra vivendo como presbítero-missionário, no caminho da comunhão, da doação e da esperança cristã.

**Abstract:** The Church is invited during this year, dedicated to the priesthood, to reflect upon the ministry of the priests who are to be considered as a gift of God for the service to the people by building up the faith community. The priest has a spiritual call to courageously embrace and enliven the spiritual mission in the midst of the challenges of today's society. To fulfill his duty he asks how to follow Christ; how to profess the faith in Jesus Christ who bestows full meaning to the life of the world; how to bear witness to the Gospel; how to establish the community of faith. The answer lies in the ministerial discipleship to live as priest and missionary, in the proper fulfillment of the imitation of the Lord in genuine communion, self surrender, and Christian hope.

## O Ministério presbiteral: dom de Deus a serviço da edificação do seu Povo

*Dom Esmeraldo Barreto de Farias\**

---

\* O Autor é Bispo de Santarém – PA e faz parte da Comissão Episcopal Pastoral para os Ministérios Ordenados e a Vida Consagrada.



## Introdução

O papa Bento XVI, no ensejo da celebração dos 150 anos do falecimento de S. João Maria Vianey, desejou oferecer a toda a Igreja, e de modo especial aos presbíteros, a oportunidade para um maior aprofundamento sobre o significado do ministério presbiteral no conjunto da missão da Igreja. Após ter proclamado o ano sacerdotal na reunião da plenária da Congregação para o Clero em março de 2009, solenemente, fez sua abertura no dia de 19 de junho, festa do Sagrado Coração de Jesus e dia de oração pela santificação dos presbíteros.

Referindo-se ao tema escolhido pela Plenária da Congregação para o Clero – “A identidade missionária do presbítero na Igreja, como dimensão intrínseca do exercício dos *tria munera*” – o papa afirmou: “A dimensão missionária do presbítero nasce da sua configuração sacramental com Cristo Cabeça: ela traz consigo, como consequência, uma adesão cordial e total àquela que a tradição eclesial reconheceu como a apostólica *vivendi forma*. Ela consiste na participação numa “vida nova”, espiritualmente entendida, naquele “novo estilo de vida” que foi inaugurado pelo Senhor Jesus e foi feito próprio pelos Apóstolos. Pela imposição das mãos do Bispo e a oração consecratória da Igreja, os candidatos tornam-se homens novos, tornam-se “presbíteros”. Nesta luz, aparece claramente como os *tria munera* são primeiro um dom e só conseqüentemente um ofício, primeiro uma participação numa vida, e por isso uma potestas” (Discurso do papa na plenária da Congregação para o clero em março de 2009).

## Ministro chamado para a vivência da Missão

Durante muito tempo, missão ficou entendida como tarefa específica para algumas pessoas e grupos: religiosos(as) e padres que vinham para o Brasil ou iam daqui para outros países. A palavra missionário(a) correspondia àquelas pessoas, em geral religiosos mais idosos, que, em um determinado lugar e durante um determinado número de dias, iam “pregar a missão”. Desse modo, identificava-se a missão com algumas atividades, especialmente religiosas e ligadas aos sacramentos.

Mas, temos exemplos de missionários que vivenciaram a missão de outro modo. Entre eles, merece destaque o Pe. José Antonio Pereira Ibiapina. Natural do Ceará, iniciou em 1829 o curso de Direito em Recife, e exerceu o cargo de Juiz em Quixeramobim (CE). Um ano depois



renunciou ao verificar que não podia exercer com liberdade o seu trabalho. Eleito deputado nacional foi representar o Ceará no Rio de Janeiro. Completado o mandato de quatro anos não quis reeleger-se em virtude da corrupção que imperava no governo imperial e nas assembleias. Voltou para o Recife onde atendia os pobres, como advogado e viveu uma vida de “monge leigo”. Foi ordenado padre no ano de 1853. Dois anos depois, diante da epidemia de cólera que dizimava muitas pessoas, Pe. Ibiapina deixou as funções de professor no Seminário e Vigário Geral e foi viver no sertão acompanhando e acolhendo as vítimas da cólera, da seca, da doença.

Como lembra Pe. José Comblin, o Pe. Ibiapina, “em contato com a imensa miséria e os sofrimentos do povo sertanejo, descobriu a sua vocação. Deus o chamava ali mesmo. Ele era inteligente, ativo, voluntário, tinha dons de liderança. Quis colocar tudo isso a serviço desse povo sertanejo. Sentiu que era necessário viver no meio deles, em contato permanente com essa vida viva e sofrida. Quem mora longe pode imaginar, mas não sente nada. Ele se tornou um missionário, criando um novo modelo de missão. Esta conversão de Ibiapina é muito importante, porque, de alguma maneira, todos os padres um dia são colocados num dilema: ou a dedicação ao povo pobre, ou uma tranqüila carreira eclesiástica. Este é um desafio que todos vão encontrar na vida. Ibiapina decidiu, escolheu. Aceitou ser comovido pelas necessidades do seu povo. (...) Foram 20 anos de extrema fecundidade. Ibiapina era incansável. Percorreu milhares de quilômetros a pé, montado num jumento ou num burro. Visitou Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Ele fundou 22 casas de Caridade. Vítima de um derrame, permaneceu paralítico até o dia em que partiu para o casa do Pai” (Carta os seminaristas da diocese de Paulo Afonso – BA, julho de 2006).

### Em meio à realidade desafiante

As mudanças ocorridas na sociedade nas últimas décadas foram dando sinais à Igreja de que ela não era mais o centro da sociedade agora marcada pelo pluralismo, relativismo, subjetivismo, pela mentalidade do consumismo, do descartável, do prazeroso, do provisório...

Em meio à desafiante realidade urbana em sua estrutura de grandes e profundos contrastes onde uma pequena minoria goza de todos os benefícios e uma maioria sobrevive sem as mínimas condições dignas de vida, destacamos alguns desafios: pessoas que freqüentam ambientes



diferentes, pois os lugares de residência não mais coincidem com os de trabalho, de lazer e participação eclesial; desconhecimento das pessoas que moram no mesmo bairro; a propaganda massiva através da mídia induzindo ao consumo sem limites; a apresentação de luzes, cores e sons variados como atração e distração que enchem os olhos e os desejos; a apresentação do subjetivismo que atinge toda a cultura, mas, particularmente milhares de jovens, seduzidos pelo lema “a vida é minha, faço dela o que mais me convém”; a determinação de que o principal é viver “o hoje”, relativizando as tradições em suas várias formas e níveis; o crescimento da violência em formas variadas atingindo os vários níveis sociais; o pluralismo cultural e religioso onde a presença da comunidade católica vai se tornando uma entre outras sem a referência de destaque que tinha em décadas passadas; o crescimento rápido e desordenado dos bairros nas periferias sem a mínima infra-estrutura e da falta da presença missionária da comunidade católica; o fortalecimento do agro-negócio e o enfraquecimento do programa de reforma agrária que incentivam o êxodo rural; o acentuado índice de exclusão social. Diante desse quadro sempre em mudança, nos perguntamos:

- a) Como ser seguidor de Jesus Cristo, o Verbo Encarnado, que está nos propondo e indicando a necessidade de atenção às pessoas em sua história, cultura e condições de vida, a partir da sua dignidade, como cidadãs e filhas amadas de Deus?
- b) Como ser missionário, testemunha do Evangelho, manifestando o amor de Deus em nós, por nós e pelos outros, através de gestos de serviço que expressem solidariedade, fraternidade, reconciliação, diálogo...?
- c) Como apresentar a experiência do encontro com Jesus Cristo como caminho que nos faz encontrar a fonte diante da sede de Deus que tantas pessoas manifestam de modo claro ou sub-entendido?
- d) Como contribuir para a formação de comunidades nos vários espaços, a fim de que as pessoas possam partilhar sua vida com as alegrias e dificuldades, tristezas, angústias e esperanças; assim como a sua experiência de fé; iluminando-as com a Palavra de Deus que dá solidez à fé e à convicção de que são chamadas para seguir e testemunhar Jesus Cristo nos ambientes por elas freqüentados?
- e) Como anunciar a pessoa e a missão de Jesus Cristo contribuindo para o encontro com Ele a fim de que o Reino que Ele veio



anunciar seja acolhido nessa cultura plural onde muitas vezes cada um quer deixar-se guiar por “sua verdade”?

- f) Como fortalecer em cada cristão a convicção de que “conhecer Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor, ao nos chamar e nos eleger, nos confiou? (DAP 18).

Essa transformação tem repercutido de modo positivo na vida da Igreja e, sendo esses questionamentos dirigidos a cada cristão, eles falam, de modo mais forte e incisivo, aos ministros ordenados, especialmente aos presbíteros, em sua condição de pastores servos missionários. São um convite para que se tenha sempre o pé, a inteligência e o coração voltados para a realidade na qual se vive que não se restringe aos traços apresentados; bem como para aquele que é o “Verbo que se fez carne”, o “Pão da Vida”, o “enviado do Pai”, o missionário da inclusão, o pastor da reconciliação! É Ele quem concede aos cristãos, e aos presbíteros em seu específico, a graça para segui-lo a fim de que sejam seus missionários: “Ide pelo mundo inteiro e anuncia a Boa-Nova a toda criatura!” (Mc 16,15).

Iluminada pelo Espírito Santo, a Igreja vai descobrindo que não é mais suficiente “tocar o sino”, esperar que o povo venha aos lugares das celebrações. A Igreja redescobre a sua natureza missionária e passa a assumir a missão no sentido de ir ao encontro das pessoas para, considerando sua história e a situação em que vivem, anunciar-lhes Jesus Cristo, oferecendo-lhe oportunidades e meios para o encontro pessoal com Ele. É um passo qualitativamente diferente, pois a Igreja que forma discípulos de Jesus Cristo assume também que ela mesma precisa ser discípula.

Nesse processo de renovação, o Concílio Vaticano II foi decisivo, pois deixou claro que “a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na “missão” do Filho e do Espírito Santo (...) e a obra de evangelização é dever fundamental do povo de Deus” (AG 2. 35).

Mas, este caminho não está pronto. Na realidade de hoje, se faz cada vez mais urgente ir ao encontro das pessoas para dar-lhes atenção entrando em sua casa, sendo próximo delas, acompanhando-as em seus momentos de sofrimento, de alegria e de procura, propondo-lhes o Evangelho de Jesus, formando pequenos grupos para celebrar a graça do encontro. Precisamos não só compreender essa característica nova da realidade, mas também coloca-la em prática colaborando para que as



peçoas façam a experiência do encontro com Jesus Cristo pela meditação de sua Palavra, pela celebração do seu Mistério Pascal, pela participação na comunidade, pela oração pessoal e comunitária, pela descoberta de sua presença entre os pobres, pelos serviços de solidariedade, pelos gestos de partilha...

A transformação que vem acontecendo também contribui para que se compreenda que a missão não pode estar mais restrita a um grupo de pessoas especializadas, mas diz respeito a toda pessoa batizada pois todo discípulo de Jesus Cristo é chamado a ser missionário, não a partir de si, mas daquele que concede a graça para viver em sua comunhão: “aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5). Assim, saindo de si, o discípulo missionário vai se convencendo de que é chamado a vivenciar a comunhão com Jesus Cristo e com seu Corpo que é a Igreja, pois é a partir da vida e missão de Jesus que se aprende a ser missionário, a viver a missão. Essa comunhão lhe reveste da força necessária para tomar consciência de que a missão é para todos os dias da vida e para ser assumida por todos os cristãos, em todos os ambientes. Para o presbítero, a experiência da comunhão com Jesus Cristo e a Igreja firma em seu coração a convicção de que Deus lhe concedeu, pelo sacramento da ordem e para a missão do pastoreio, a graça da família presbiteral.

## No caminho da Comunhão

A vivência da comunhão com Jesus Cristo abre o coração do discípulo para sua participação na vida da comunidade. Aí, ele faz a experiência da Igreja como Povo de Deus e Corpo de Cristo e, a partir da vida e missão de Jesus, aprende a sair de si para ser missionário, fortalecendo a rede de comunidades em toda a Igreja Particular. O seguidor de Jesus Cristo ainda toma consciência de que a missão é para todos os dias da vida e para ser assumida por todos os cristãos em todos os ambientes.

O discípulo missionário, como cristão leigo(a) e como ministro ordenado, encontra a fonte de sua vida e missão em Jesus Cristo que é o missionário do Pai. Ele vai de cidade em cidade, de lugar em lugar para anunciar a boa Nova do Reino de Deus e proclama: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18). Em sua vida e missão, encontra-se a perfeita sintonia entre a mensagem e o mensageiro, entre o dizer, o fazer e o ser. Vivenciando e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus, ele, ao mesmo tempo, dá



sinais da presença do Reino e vai convocando e formando pessoas para que possam acolher a missão, o mandato que ele deixa: “Ele os enviou para anunciar o Reino de Deus e curar os enfermos” (Lc 9,2).

Como nos lembra o documento de Aparecida, “ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,19; Lc 24, 46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz partícipe de sua missão, ao mesmo que o vincula a Ele como amigo e irmão. Dessa maneira, como Ele é testemunha do mistério do Pai, assim os discípulos são testemunhas da morte e ressurreição do Senhor até que ele retorne. Cumprir a missão não é tarefa opcional, mas parte integrante da identidade cristã, porque é extensão testemunhal da vocação mesma” (Dap 144).

A missão vem de Jesus Cristo, no seu Espírito. Essa missão é dada à Igreja. “Foi-me dada a autoridade no céu e na terra. Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-lhes a observar tudo o que vos tenho ordenado. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos” (Mt 28.18-20).

E Marcos destaca: “Jesus subiu à montanha e chamou os que ele quis; e foram até ele. Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova, com o poder de expulsar os demônios” (Mc 3,13-15). Esta experiência é tão marcante que torna “a missão inseparável do discipulado. Este não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa” (DAp 278e). O discípulo missionário é sempre enviado em nome de Cristo e da Igreja: “Como o Pai me enviou também eu vos envio” (Jo 20,21).

Estes e outros textos indicam que a missão é dada ao colégio apostólico e, desse modo, à Igreja da qual Cristo é a cabeça. Quando Jesus vem ao encontro dos discípulos andando sobre o mar, eles gritam de medo e Pedro lhe diz: “Senhor, se és tu, manda-me ir ao teu encontro, caminhando sobre a água”. Sentindo medo e começando a afundar, ele grita: “Senhor, salva-me!” Naquele momento, Jesus estende a mão, segura Pedro, adverte-o e entra com ele no barco (cf. Mt 14,22-33). Esses gestos mostram a Pedro e aos demais que a presença de Jesus lhes dá segurança, mas também os ilumina e questiona para compreenderem que não podem percorrer o caminho da missão cada um por seu lado.



Eles vão aprendendo que, em meio aos grandes desafios, é fundamental confiar naquele que foi fiel à missão vivendo na comunhão com o Pai, sendo-lhe obediente. Então, a missão não pode ser vivenciada por conta própria. Ela decorre do chamado que passa pela experiência do encontro pessoal com Jesus Cristo ressuscitado, levando a pessoa a ser testemunha dele na comunidade e na sociedade, sob a guia do Espírito Santo que está gerando sempre a comunidade, o novo povo de Deus.

“Como toda a vida espiritual autenticamente cristã, também a vida do sacerdote possui uma essencial e irrenunciável dimensão eclesial” (PDV 31). “O ministério ordenado, em virtude de sua própria natureza, pode ser exercido somente na medida em que o presbítero estiver unido a Cristo mediante a inserção sacramental na ordem presbiteral e, por conseguinte, enquanto se encontrar em comunhão hierárquica com o próprio bispo. O ministério ordenado tem uma radical “forma comunitária” e pode apenas ser assumido como “obra coletiva” (PDV 17). Então, o presbítero, ao receber o sacramento da ordem, participa da mesma missão da Igreja e, mais concretamente, na Igreja Particular. É ao Presbitério que é dada a missão e somente na comunhão do Presbitério é que o presbítero pode exercer a missão” (cf. DGAE 1999-2002 n.ºs 227-228).

O presbítero, então, descobre e assume o valor espiritual de sua integração e dedicação à Igreja em que ele é incardinado, pois “a “incardinação” não se esgota num vínculo puramente jurídico (...) É necessário que o sacerdote tenha a consciência de que o seu “estar numa Igreja particular” constitui por natureza um elemento qualificante para viver uma espiritualidade cristã” (PDV 31).

Para a vivência dessa espiritualidade, o presbítero pedirá sempre a graça da comunhão com Cristo e com a Igreja e se empenhará para, nesse dinamismo, acolher a missão que Deus lhe concede. Para todos, mas de modo ainda mais forte para o presbítero diocesano, a presença do bispo tem um profundo significado, pois é através dele que recebe a missão! Então, este aspecto marca muito sua espiritualidade que, enraizada no Evangelho, o orienta para acolher na fé os desígnios de Deus através do Bispo, dele com seu Conselho; descobrir a necessidade de conhecer bem o povo que lhe é confiado e que faz parte da Igreja particular e pedir a graça de amar sempre todo esse povo e de colocar-se como servo disponível para o trabalho de evangelização. Desse modo, a missão se torna caminho de felicidade, pois se trata da edificação do Corpo de Cristo, povo de Deus da nova aliança.



O sentido de pertença à Igreja particular dá ao presbítero diocesano a singular marca do cuidado **com o todo do rebanho**, como já lembrava o apóstolo Paulo aos presbíteros de Éfeso: “Cuidai de vós mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos estabeleceu como guardiães, como pastores da Igreja de Deus que ele adquiriu com o seu sangue” (At 20,28). Nesse sentido, a exortação apostólica afirma em relação aos presbíteros: “a pertença à Igreja particular e a sua dedicação até ao dom da própria vida pela edificação da Igreja “na pessoa” de Cristo, Cabeça e Pastor, ao serviço de toda a comunidade cristã, em cordial e filial referência ao bispo, deve sair reforçada na assunção de qualquer carisma que venha a fazer parte da existência sacerdotal ou se coloque a seu lado” (PDV 31).

Cuidar de todo o povo que Deus coloca sob os cuidados pastorais do presbítero ou de uma equipe de presbíteros significa não se contentar com a presença daqueles que já participam, que quase sempre são minoria, mas estar aberto e disponível para sair ao encontro dos outros que nunca procuram a comunidade eclesial ou somente em ocasiões especiais.

Como expressão desse amor à Igreja particular, o presbítero se coloca em atitude de abertura e disponibilidade para assumir os encargos que a diocese lhe confiar, onde as necessidades da evangelização reclamarem sua presença. Desse modo, “a vida espiritual dos padres deve ser profundamente assinalada pelo anseio e pelo dinamismo missionário. Compete-lhes, no exercício do ministério e no testemunho de vida, plasmar a comunidade a eles confiada como comunidade autenticamente missionária. Como escrevi na Encíclica *Redemptoris Missio*, ‘todos os sacerdotes devem ter um coração e uma mentalidade missionária, devem estar abertos às necessidades da Igreja e do mundo, atentos aos mais afastados e, sobretudo, aos grupos não cristãos do próprio ambiente, Na oração e, em particular, no sacrifício eucarístico, sintam a solicitude de toda a Igreja por toda a humanidade’. E acrescenta o papa: ‘Se este espírito missionário animar generosamente a vida dos sacerdotes, aparecerá facilitada a resposta àquela exigência cada vez mais grave na Igreja, que nasce da desigual distribuição do clero’. Neste sentido, já o Concílio foi suficientemente preciso e incisivo: ‘Tenham presente os presbíteros que devem tomar a peito a solicitude por todas as Igrejas. Para tal, os presbíteros daquelas dioceses que possuem maior abundância de vocações mostrem-se de boa vontade preparados para, com o prévio consentimento ou vontade do Ordinário, exercer o seu ministério nas regiões, missões ou obras que sofram escassez de clero’” (PDV 32).



O mesmo Espírito Santo que trabalha o coração do presbítero para viver a missionariedade na Igreja particular ou em outros lugares por ela enviado, o impulsiona e ilumina para descobrir as sementes do Verbo já presentes no mundo, mesmo estando ocultas. Esse trabalho pede um novo modo de compreender e viver o ministério, pois não se trata somente de realizar tarefas, mas de descobrir e acolher a presença de Deus em todas ações e atividades ligadas ao ministério. “Os presbíteros atingem a santidade pelo próprio exercício do seu ministério, realizado sincera e infatigavelmente no espírito de Cristo” (PO 13).

Cada presbítero é chamado a fazer a experiência da riqueza dos sinais da presença de Deus nos acontecimentos da vida das pessoas, das comunidades, da Igreja em seu conjunto e da sociedade. Essa experiência pessoal precisa, necessariamente, ser partilhada e enriquecida com os demais presbíteros, pois, estando unidos pela fraternidade sacramental, formam um só presbitério com o Bispo. Iluminada pela Palavra de Deus, celebrada e oferecida no sacramento da Eucaristia, essa experiência pessoal e comunitária, assumida de modo continuado, muito contribuirá para que o ministério, recebido como um dom de Deus, seja sempre serviço ao povo de Deus, reconciliado por Jesus Cristo. Como nem sempre é possível o encontro de todo o presbitério, não podemos deixar de fazer a partilha em pequenos grupos. Deixando-se guiar pelo Espírito de Deus, vai recebendo e cultivando a graça para se tornar cada vez mais semelhante ao Mestre: semelhante em seu amor que conduz ao despojamento, à missionariedade, à entrega da vida, à obediência à vontade de Deus. Desse modo, o presbítero estará mais integrado na missão evangelizadora da Igreja particular, mais disponível e também mais responsável por ela.

Essa integração precisa se expressar também através da pastoral orgânica e de conjunto que são desafios e, ao mesmo tempo, exigências da ação evangelizadora nos tempos atuais. Movido pela caridade pastoral que “flui sobretudo do sacrifício eucarístico, que permanece o centro e a raiz de toda a vida do presbítero” (PO 14), o presbítero encontra sentido em empenhar-se no trabalho pela pastoral orgânica e de conjunto a fim de que, o que foi assumido pela Igreja particular em seu plano de ação evangelizadora e demais orientações, possa ser concretizado. Ele está consciente de que necessita trabalhar pela unidade, na comunhão.



## Acolhendo o ministério como um dom de Deus em meio aos desafios

Nesse caminho, o presbítero encontra desafios de toda ordem. Num mundo do individualismo, com a grande tentação para o isolamento, o sentido comunitário do ministério ordenado, muitas vezes, fica diluído. Se nas Igrejas particulares onde a extensão geográfica é imensa, como na Amazônia, vencer o isolamento é desafiante; por outras razões, esse desafio está também presente na realidade das grandes cidades e em outras realidades do nosso Brasil.

Numa cultura que incentiva o subjetivismo e a “exigência de direitos”, não é tranquilo para o presbítero o exercício do ministério como expressão da gratuidade que nasce do amor daquele que, livremente, entregou sua vida, derramou o seu sangue para a reconciliação do mundo com Deus. Há sempre o risco de pensar o ministério a partir do próprio eu do ministro, como um direito a que ele faz jus em razão de sua capacidade ou de outros merecimentos e, por isso, precisa propor reivindicações para “exercer bem”, “com dignidade” a “missão”.

Numa sociedade que sempre destaca e enaltece a busca de status, do “nome”, de privilégios e conforto, o presbítero trava um forte combate consigo mesmo e com pessoas e grupos da comunidade eclesial para abraçar o despojamento, dando testemunho de viver contente com o necessário a partir do seguimento a Jesus Cristo que sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (cf. 2Cor 8,9).

Diante de uma estrutura social que favorece a concentração de riquezas em mãos de poucos, colocando o desejo de consumo em primeiro lugar, deixando uma grande maioria sem o necessário para viver dignamente, excluindo os pobres; o presbítero é chamado a ser sinal de solidariedade anunciando pela palavra e pelo testemunho de vida o desígnio de Deus que deseja a transformação de tais estruturas para que estejam a serviço da vida, da dignidade das pessoas, da justiça, da partilha. Em toda a evangelização, não pode faltar a atenção aos “novos pobres”: moradores de rua, drogados, migrantes, vítimas da exploração sexual... Essa situação se agrava porque, hoje, “os excluídos não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis”” (DAp 65). O que é afirmado na conferência de Aparecida precisa ser assumido por cada Igreja particular e, aí, pelos presbíteros: “Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita na Conferência



anteriores. Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais. A Igreja latino-americana é chamada a ser sacramento de amor, solidariedade e justiça entre nossos povos” (DAp 396).

A luz que nasce da contemplação da presença de Cristo nos pobres ilumina de tal modo a vida do presbítero que já não pode ignorar que o compromisso com esses filhos e filhas amados de Deus, irmãos e irmãs nossos, é inerente à missão que lhe foi concedida e pela qual está, indelévelmente, marcado. “Por meio dessa opção, testemunha-se o estilo do amor de Deus, a sua providência, a sua misericórdia, e de algum modo continua-se a semear na história aqueles germens do Reino de Deus que foram visíveis na vida terrena de Jesus, ao acolher a quantos recorriam a ele para todas as necessidades espirituais e materiais” (NMI 49).

Considerando a propaganda incisiva de que o valor maior está no “viver o hoje”, no “ser feliz agora” sem se importar com as conseqüências; na busca individual da religião que satisfaça suas necessidades e ainda mais da religião como espetáculo; como não é fácil para o presbítero firmar-se na convicção de que o dom do ministério ordenado é para toda a vida! Na vivência comunitária, tendo como raiz a escuta da Palavra de Deus e a eucaristia, o presbítero encontrará as luzes que tornarão ainda mais forte a convicção de que o chamado e a missão vem de Deus e nele encontram sua força.

Tomando consciência de que é constituído como sinal de comunhão e não de competição e de imposição e tendo presente o pluralismo em que vivemos, o presbítero dá maior importância ainda à escuta e ao diálogo a exemplo de Jesus quando se encontrava com os pobres e sofredores.

Há ainda outros desafios, tais como: paróquias muito grandes, com milhares de pessoas; paróquias extensas; situações de extrema pobreza; as milhares de pessoas batizadas que, quando muito, freqüentam ocasionalmente uma comunidade. Nesses, e em outros casos, como fica a atenção à pessoa? Como colocar em prática a dimensão missionária para que a comunidade possa organizar as visitas regulares a essas pessoas, às famílias e aos grupos?

Nas últimas décadas, cresce a sensibilidade em relação à ecologia e ao meio ambiente e vários grupos se organizam em sua defesa. A Igreja oficialmente tem se manifestado contra o modelo econômico que privilegia



o desmedido afã pela riqueza acima da vida das pessoas e dos povos e do respeito racional pela natureza, devastando as florestas e a biodiversidade mediante uma atitude predatória e egoísta (cf. DAp 473).

Como resposta a esses e outros desafios e às muitas solicitações de pessoas, grupos, pastorais, movimentos e comunidades, nem sempre os presbíteros conseguem estabelecer um equilíbrio entre o ser missionário e o agir missionário. Tragados pelo ativismo que os leva a se distanciarem do grande objetivo para o qual foram constituídos ministros ordenados, muitos não se dão conta de que estão assumindo o ministério como cumprimento de tarefas numa sobrecarga que não lhes deixa tempo para a contemplação em vista do dinamismo da própria missão.

Mas, a vida do discípulo missionário não pode estar limitada a algumas tarefas. Deixando-se guiar pelo Espírito de Deus, vai recebendo e cultivando a graça para voltar à fonte e, assim, se tornar cada vez mais semelhante ao Mestre: em seu amor que conduz ao despojamento, à obediência, à entrega da vida, à missionariedade: à vontade de Deus.

O ministério é um dom e a missão também o é, pois nasce do amor de Jesus Cristo por aqueles que são chamados e enviados: “Como o Pai me enviou também eu vos envio” (Jo 20,22). Como dom, a missão só pode ser assumida na comunhão com aquele que nos envia, pois o próprio Jesus alerta: “sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15,5).

Dirigindo-se aos presbíteros do Brasil, os bispos afirmam: “O presbítero, antes de tudo pessoa humana, pelo batismo, filho de Deus, é chamado a viver em santidade, no amor incondicional a Jesus Cristo. A pergunta direta e, ao mesmo tempo, carinhosa de Nosso Senhor a seu discípulo indica que amar a ele é condição primeira para ser pastor de seu rebanho, a começar por Pedro. Por isso, como pastores, amem o Cristo e o povo que lhes foi confiado, e vocês darão profunda alegria por aquilo que são e significam em nossas Igrejas Particulares” (Carta aos Presbíteros, nº 4).

Toda a vida de Jesus Cristo é manifestação do amor de Deus pelas pessoas, pelo mundo. Ele é o bom Pastor que vem para reunir os filhos de Deus dispersos; assume a paixão, entrega sua vida e, assim, sela com seu sangue a nova aliança.

O ministério ordenado, em sua missão específica, só pode ser acolhido na estreita relação com o mistério da encarnação e da páscoa de Jesus Cristo. Ele assumiu nossa natureza humana, fez-se servo obediente até a morte de cruz. No amor que gera obediência, está a fecundidade da missão.



A missão que Cristo confia aos seus ministros é para a edificação da Igreja, Povo de Deus- Corpo de Cristo. A missão é um dom, pois é Deus quem toma a iniciativa do chamado e do envio, é dele que vem a nossa capacidade (cf. 2Cor 3,5-6). Somente o coração tocado pelo Espírito, modelado por ele, é possível estar aberto à missão como graça de Deus, porque configurado a Jesus Cristo! Desse modo, a vida do ministro ordenado com todas as suas dimensões passa a estar marcada pela gratuidade, pois se trata de oferecer, como Cristo, a vida e, assim, viver o ministério da aliança nova, não da letra, mas do Espírito que dá a vida (cf. 2Cor 3,6). O Espírito Santo vai trabalhando o coração das pessoas e nele inscrevendo o desígnio de Deus. Do mesmo modo, trabalha o coração do ministro ordenado para que, acolhendo a missão como dom, possa estar atento ao que o mesmo Espírito lhe diz e diz à Igreja através das pessoas, das famílias, dos grupos, das comunidades e dos acontecimentos na vida da sociedade. No exercício dessa escuta, o presbítero encontra caminho para a obediência.

Mas, como isso pode acontecer? Pelo exercício da contemplação da ação do Espírito de Deus, meditando a Palavra de Deus, no diálogo com o Verbo Encarnado. Então, não basta ir a um determinado lugar para uma celebração, um encontro, uma reunião, uma visita, para resolver um problema, para fazer a pregação, para “dar o recado”, por melhor estruturado e eficiente que possa parecer. É necessário estar atento ao que se vê e ao que se ouve, ao que está acontecendo e se perguntar: o que me diz o Espírito de Deus? O que ele quer dizer à comunidade, à pastoral, à área pastoral, à Paróquia, à diocese, à sociedade? Além de guardar tudo isso no coração, o ministro da aliança nova confronta esses e outros questionamentos com a Palavra de Deus, na oração, para que possa escutar melhor o desígnio de Deus, elevar a ele sua prece e discernir as luzes a serem propostas como desígnio de Deus. A oração, então, vai se tornando caminho que contribui para que haja uma profunda ligação entre o que se é e o que se pratica e meio importante para o conhecimento de Jesus Cristo. É realmente uma experiência da presença de Deus!

Mesmo enfrentando as muitas dificuldades inerentes ao exercício do ministério, o presbítero faz a experiência da missão como fonte que revigora o seu dia a dia, como caminho de santidade. O Concílio Vaticano II dá fundamento a essa perspectiva quando afirma: “Exercendo assim o ministério do Espírito e da justiça – contanto que se deixem instruir pelo Espírito de Cristo que os vivifica e guia – firmam-se na vida espiritual. Pois, pelos atos litúrgicos de cada dia, como também por todo o



seu ministério que exercem em comunhão com o Bispo e os Presbíteros, orientam-se eles para a perfeição da vida” (PO 12).

Sendo assim, a missão não pode ser recebida como uma carga que causa desgaste, como algo imposto de que o ministro luta para se livrar. Sendo acolhida como um peso, a missão é vista como pura exigência, com algo que vem de fora e passa a ser assumido como obrigação que não atinge o ser do ministro, mas somente o seu agir. A motivação é, então, fundamental e vai se tornar fonte que conduz as pessoas a Jesus Cristo. Nesse processo, o ministro não pode estar voltado para si mesmo, mas para aquele que o escolheu e o enviou, pois o centro é ele, o único mediador, e não o ministro. Essa motivação vai alimentar no ministro a disponibilidade para a missão e a sua acolhida como entrega de vida. Então, a missão não pode se restringir ao cumprimento de algumas funções, nem tão pouco ser compreendida como um direito a adquirir ou reivindicar em vista de projetos pessoais. É caminho que só é possível ser percorrido na graça do Espírito Santo, protagonista da missão.

O ministro da nova aliança recebe o ministério como um dom não só para presidir celebrações litúrgicas e algumas reuniões. Ele recebe o sacramento da ordem para que, em nome de Cristo e da Igreja, possa exercer o múnus profético, pastoral e sacerdotal a partir da identidade missionária do presbítero na Igreja e no mundo.

### Na certeza de que: “Há esperança no caminho!”

Este ano dedicado aos presbíteros convoca a Igreja em geral e cada Igreja particular com seu presbitério a aprofundar o ministério ordenado com uma graça para a edificação da Igreja e a considerar a vida de tantos presbíteros que, a partir da comunhão com Jesus Cristo, o bom pastor missionário servo e com a Igreja e conscientes da grandeza do ministério que receberam como um dom de Deus, se fizeram pequenos e, portanto, missionários. Retomando o que foi proposto pela CNBB, creio que cada diocese precisa levar adiante o trabalho de reavivar a memória dos presbíteros que, no decorrer da história, se tornaram um sinal de entrega da vida por amor a Jesus Cristo, ao seu Evangelho, ao povo de Deus. São muitos em todo o Brasil e encontraremos sempre, em cada diocese, aqueles através de quem o Espírito Santo continua também nos falando hoje.

Certamente, o testemunho desses e de muitos outros irmãos reavivará em nossa vida e na missão a proposta de que “o Reino diz respeito a todos: às pessoas, à sociedade, ao mundo inteiro. Trabalhar pelo Reino



significa reconhecer e favorecer o dinamismo divino, que está presente na história humana e a transforma. Construir o Reino quer dizer trabalhar para a libertação do mal, sob todas as suas formas. Em resumo, o Reino de Deus é a manifestação e a atuação de seu desígnio de salvação, em toda a sua plenitude” (RM 15).

Desejamos ainda que este ano especial nos faça sempre mais abertos ao caminho que a conferência de Aparecida nos chama a percorrer: “O Povo de Deus sente a necessidade de **presbíteros-discípulos**: que tenham uma profunda experiência de Deus, configurados com o coração do Bom Pastor, dóceis às orientações do Espírito, que se nutram da Palavra de Deus, da Eucaristia e da oração; de **presbíteros-missionários**: movidos pela caridade pastoral, que os leve a cuidar do rebanho a eles confiados e a procurar os mais distanciados, sempre em profunda comunhão com seu Bispo, os presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos; de **presbíteros-servidores da vida**: que estejam atentos às necessidades dos mais pobres, comprometidos na defesa dos direitos dos mais fracos e promotores da cultura da solidariedade. Também de **presbíteros cheios de misericórdia**, disponíveis para administrar o sacramento da reconciliação” (DAp 199).

Agradecendo a Deus por todos os presbíteros em nosso Brasil dedicados à missão de edificação do povo de Deus nas diversas realidades do nosso país, desejamos que guardem sempre no coração o lema do mês vocacional proposto pela CNBB: “**Há esperança no caminho!**” Como os discípulos de Emaús, partilharão a experiência do encontro com Jesus Cristo missionário e se fortalecerão na convicção de que a missão é um dom de Deus para a edificação do seu povo e que somente na comunhão do Presbitério e como Presbitério vai se realizando. Desse modo, estarão sempre disponíveis para ir a todos os lugares onde o Senhor mesmo deseja ir (cf. Lc 10,1) e contarão tudo o que Deus tem feito e fará por meio deles (cf. At 14,27).

*Endereço do Autor:*

Pça. Mons. José Gregório, 453

Centro

Cx postal 133

68005-970 Santarém, PA

E-mail: d.esmeraldo@fallnet.com.br